

Demonstra-se a necessidade de se pensar também semioticamente a noção de informação, através do argumento básico de que toda a informação a que temos acesso é necessariamente veiculada através de signos em três modos, a que chamamos de primeiridade, secundidade e terceiridade, as três categorias da experiência de acordo com C. S. Peirce. Conclui-se que, do ponto de vista semiótico, a informação somente se constitui a partir de sua inserção, por um sujeito, no processo de semiose.

Estar vivo é computar. Com efeito, qualquer ser vivo deve, pelo mero fato de estar vivo e de pretender sobreviver, processar informação que lhe advém do meio ambiente. As maneiras como isso se dá são, naturalmente, objetos de teorias diversas. Parece, entretanto, assente - ou, pelo menos, plausível - que cada espécie age, numa *LebensWelt* comum a várias delas, de acordo com a sua própria "visão" desse ambiente circundante. Esse mundo interiorizado (*InnenWelt*, de acordo com o biólogo Jakob von Uexkühl) é resultado das impressões que o mundo exterior faz no aparato cognitivo da espécie e constitui uma espécie de mapeamento, ou uma "chave" de decodificação da informação externa, peculiar àquela espécie, confirmando o antigo adágio latino, *agere secundum esse*, isto é, 'agir conforme o ser'².

É evidente que o *homo sapiens* possui um mapeamento semelhante, mas é dono de algo mais, exatamente aquilo que distingue a espécie dentre as demais: a capacidade de generalizar e, com isso, prever. Essa seria a capacidade que o filósofo chamaria de *cogito*, isto é, a reflexão³. Poderíamos, contudo, chamar essa habilidade de "processamento de signos", já que não seria difícil demonstrar, como Peirce o faz, que não se pode pensar sem signos, qualquer que seja a natureza deles⁴. Em outras

1 Professor de Semiótica do Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2 Sobre esse assunto, remeto o leitor a DEELY (1990)

3 Ver, a esse respeito, a pertinente discussão de MORIN (1983)

palavras, além de ser um animal que computa, de biológica maneira, a informação que lhe advém do meio ambiente por via sensorial, o homem é, também, um animal semiótico, porque ele pode usar essa informação (e outras que ele produz a partir dela) para prever um futuro estado de coisas. Ora, prever é pensar em termos de regularidades, é descobrir que algo funciona mais ou menos sempre da mesma forma e, com base nesse dado, prever que algo deverá funcionar do mesmo modo em instâncias futuras. Descobrir regularidades é o mesmo que generalizar. É, ao ver o céu carregado de nuvens, poder dizer que vai chover, com base na generalização (que nem sempre se atualiza, é óbvio) de que nuvem é sinal de chuva.

Fica clara, a esta altura, a equação: signo = generalização. Resta, presumimos, demonstrar a validade dessa proposição. Para fazer isso talvez devêssemos começar por uma diferenciação que, por banal que seja, vai sustentar todo o raciocínio subsequente. Trata-se de estabelecer os sentidos que daremos aos termos *coisa* e *objeto*.

Uma coisa existe (estamos aqui discutindo questões cognitivas e epistemológicas em um enquadramento pragmático e, por isso, não cabe questionar, de metafísica maneira, a existência das coisas). A existência da coisa independe de ela ser vista ou percebida por um sujeito, isto é, ela configura um ser independente da mente. E mais: cada coisa que está no mundo (e isso, naturalmente, inclui todos os seres animados e inanimados) é, em si mesma, absolutamente singular. Qualquer caracterização, qualquer nome que se dá à coisa não está nela, mas sim em quem a nomeia ou a caracteriza, e seria da ordem da objetivação. Essa objetivação implica, ao mesmo tempo, a abstração da coisa e a sua representação conceitual.

Ora, essa abstração está na base do que chamaríamos de objeto. O objeto estaria para a *InnenWelt*, assim como a coisa estaria para a *LebensWelt*. O objeto seria, destarte, a coisa abstraída, ou a coisa percebida, ou a coisa significada, mas não a coisa-em-si. E mais: parece que o principal importe do objeto estaria no fato de ele ser uma abstração. Não fora assim, não haveria objetos que não são coisas, e nós sabemos que os há. Qualquer ficção, qualquer mito, qualquer descrição matemática é um objeto não-coisa. Nenhum desses tem uma existência coisal, o que não impede que sejam conhecidos, pensados, discutidos, manipulados.

Como se dão esse conhecimento, essa reflexão, essa discussão e essa manipulação dos objetos? Tudo isso seria feito através de um único agente: o signo. O signo seria, para usar uma analogia com a informática, a interface que estabelece a mediação entre um usuário e os objetos [as virtualidades] que o usuário quer manipular. Uma das muitas maneiras de se entender o signo seria a seguinte caracterização, proposta por Peirce:

⁴ Essa demonstração pode ser encontrada por exemplo, no vl. 7 dos *Collected Papers* de Peirce

"Um signo, ou representâmen, é algo que está no lugar de algo para alguém, em algum aspecto ou capacidade. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente daquela pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo criado chamo de interpretante do primeiro signo. O signo está no lugar de algo, seu objeto."⁵

Um aspecto importante nessa caracterização talvez não esteja tão evidente à primeira vista: a recursividade implícita na caracterização do interpretante como signo. Se o signo cria um interpretante ao se referir a um objeto, e se o interpretante criado é também um signo, este interpretante deve criar um outro interpretante numa relação em que o primeiro signo-interpretante vai se referir ao primeiro signo como seu objeto, e assim por diante, criando uma cadeia infinita em que cada signo vai se referir ao anterior como seu objeto e criar um signo posterior como seu interpretante. Vale dizer que os signos são objetos e os objetos são signos. Está aí mais uma forma de se mostrar que o objeto não é a coisa, mas a coisa significada.

Há algo mais que merece um pouco de atenção: é a frase "em algum aspecto ou capacidade". Isso quer dizer, entre outras coisas, que nenhum signo consegue representar seu objeto integralmente, mas fá-lo em apenas um ou alguns de seus aspectos. Em outras palavras, qualquer objeto pressupõe uma constelação de signos que a ele se referem. Como os objetos são também signos, vários objetos se referem a outros objetos, criando uma teia de significação em que se cruzam, em todas as direções, signos, objetos e interpretantes. Pegue-se, por exemplo, uma definição de dicionário: define-se uma palavra em termos de outras palavras e cada vocábulo na definição pode também ser definido por uma definição que lhe diz respeito, e assim por diante.

Um terceiro aspecto da caracterização acima é a dinâmica do processo. Em outras palavras, o sentido não é algo que é dado e nunca é uma relação estática (isso é aquilo), mas é, sim, algo que é constantemente produzido a partir de algo que foi produzido a partir de algo. A importância do terceiro termo da relação fica, assim, evidente. O interpretante é responsável pelo deslizamento do sentido no processo de sua produção. Esse processo recebe o nome de *semiose*.

A semiose faz desta Semiótica uma lógica ternária, isto é, uma forma de pensar que está assentada na noção de tríade, ou de relação triádica. A determinação da forma dessa Lógica deu-se, para Peirce, a partir da noção de mediação entre um sujeito e um objeto através de um signo do objeto. Entretanto, é necessário pensar de que maneira se dá a percepção/intelecção ou, talvez mais adequadamente, a compreensão do objeto através do signo. Para isso, Peirce propõe as noções de primeiridade, secundidade e terciridade que, para ele, são as três categorias da experiência.

⁵ PEIRCE, CP 2.228. A tradução é minha. Tradicionalment, em estudos de Smiótica, a referência aos *Collected Papers* é feita com a sigla CP, seguida do número do volume e do número do parágrafo, separados por um ponto.



+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+

90

A primeiridade seria uma instância da experiência que se refere aos aspectos qualitativos, formais, meramente sensacionais e/ou sensoriais do objeto, contanto que experimentados de maneira absolutamente não reflexiva, não pensada. Corresponderia, em Lógica, à noção de termo, ou aos aspectos monádicos da predicação. É o que estaria implícito numa afirmação do tipo X é verde, pensada como "Há verdeza em X", ou seja, sem nenhuma relação comparativa ou contrastiva com algo que não fosse verde, isto é, sem implicar uma relação binária de qualquer ordem. A experiência da primeiridade seria, por isso, fugaz e muito dificilmente capturável e estaria muito perto das coisas. Por essa razão, diz-se que a experiência do tempo presente (como algo que já não é mais presente no momento em que se dá conta ou se fala dele), ou a noção de eu (como algo que apenas tem significado na medida em que entra numa relação no mínimo binária com a alteridade, com o Outro), é da ordem do primeiro. Ao mesmo tempo, por estar muito perto da Coisa (a primeiridade seria o possível mais perto que o objeto chegaria da coisa), a primeiridade tem muito do caráter de singularidade que a coisa apresenta.

Na medida em que se percebe a sensação, a qualidade, ou se presta atenção no objeto tal como ele se forma em nossa mente, estaremos atentando para a sua alteridade. Em outras palavras, estaremos tendo, com o objeto, uma relação diádica, ou binária. Estaremos percebendo o objeto como um outro, um segundo, um ele e, portanto, como algo já dado. Daí dizermos que essa experiência do Outro estaria na ordem da secundidade. Nessa ordem do segundo estaria a experiência do passado (que seria a única maneira de que dispomos para definir o presente). Seria, portanto, a partir da binariedade que podemos começar a pensar o tempo.⁶

Entretanto, as relações binárias ainda não são suficientes para garantir uma significação. Não basta termos uma proposição do tipo X *significa* Y, como nos dicionários. O que temos no dicionário é uma descrição das possibilidades de significação do vocábulo, enquanto que o interpretante só se produz num contexto específico. Assim, só saberei, no caso da língua inglesa, por exemplo, se o vocábulo nice significa 'agradável' ou 'simpático' ou 'bonzinho' ou se seria uma mera fórmula de elogio ritual, quando o contexto ficar mais claro.

Em outras palavras, a diadicidade estaria ainda perto da singularidade do objeto (embora, talvez, não tão perto como a sensação primeira) e, para que um eu se relacione com um ele é necessário que se crie uma abstração, o tu (que é um ele, na medida em que está fora do eu, mas que às vezes assume o lugar do eu). É precisamente o tu que vai operar o processo a que aludi acima: a chamada segunda pessoa do discurso (que, em semiótica, seria a terceira pessoa, já que vem investida

⁶ Basta para entendermos isso, a antiga definição de Aristóteles: "o tempo é a medida do antes e do depois", isto é, sem um depois não se pensa o antes, e vice-versa.

de terceiridade) vai mediar entre o sujeito e o objeto, entre um eu e um ele. O tu é um signo (na medida em que ele, coisalmente, é um Outro, um ele), uma abstração.

Esse é o caráter da terceiridade: o da representação mediadora (não seria o *tu* uma espécie de embaixador do mundo das coisas, alguém com quem eu falo a respeito dos objetos, ele também um objeto que está fora de mim? No entanto, paradoxalmente, o tu está muito mais distante dos objetos, na medida em que ele é apenas um conceito). A terceiridade é sinônima da idéia de signo: X significa Y para Z (ou em I, por causa de I, através de I, por I, a fim de I, etc.), uma relação triádica. E o que é significar? Ou, o que é o signo? O que ele faz?

Significar é generalizar, é afastar-se mais do mundo das coisas. É ganhar em poder explanatório e perder a singularidade das coisas. Assim, o signo *peixe* evoca (refere-se a) um objeto abstrato, a idéia de peixe (que é uma generalização a respeito de todos os seres que têm características que os sujeitos consideram análogas). A idéia de peixe, um conceito abstrato, permite que eu chame um surubi, um tubarão, uma barracuda, um bagre e um peixinho de aquário todos pelo mesmo nome genérico, que não evidencia a singularidade de um indivíduo qualquer, mas que o generaliza. Pode-se dizer, portanto, que um signo não capta as singularidades dos indivíduos, quer dizer, um signo não é extenso (já que a singularidade permite a pluralização, a extensão). Ele é, ao contrário, intenso e restritor em sua capacidade de generalizar.⁷ Ele restringe porque, ao generalizar sobre os indivíduos que ele designa, ele efetua um corte no *continuum* informacional e delimita aquele grupo de indivíduos em contradistinção a outros. Assim, o signo *peixe* refere-se tão somente ao objeto 'peixe' (vale dizer, um conceito de peixe, portanto, um outro signo) e, ao fazer isso, exclui todos os outros animais.

Estamos vendo aqui duas faces de um processo. A primeira é a informação que nos vem no signo - sempre incompleta, sempre mais ou menos intensa ou extensa, isto é, sempre mais ou menos vaga, e, o que é mais importante, sempre em movimento, em um constante tornar-se. Isso equivale a dizer que o que quer que chamemos de qualidade da informação deverá levar em conta, sempre, a sua necessária vagueza e a sua dinamicidade. A outra face é a maneira pela qual nos apercebemos dessa informação, maneira também imprecisa e parcial. Nunca percebemos o signo de maneira cabal, porque ele, para fazer um trocadilho, não signi-fica, ele signi-vai. A rigor, e em última análise, a informação que buscamos (e nós mesmos, aliás) nunca fica lá paradinha, à nossa espera (apesar de acharmos que basta documentar, gravar, ou

7 Esses dois conceitos, o de intenso e o de extenso, baseiam-se na distinção efetuada por Peirce, em seus escritos, entre *breadth e depth* (respectivamente, amplitude e profundidade), ao discutir a vagueza dos signos.



+
+
+
+ registrar essa informação para congelá-la, isto é, deter seu movimento de produção de sentido).

+
+ Daí, o fato de não termos acesso ao mundo das coisas a não ser através de sua objetificação em signos ser, ao mesmo tempo, uma limitação da nossa espécie e a sua grande vantagem: é apenas por meio da manipulação dessas abstrações e dessas virtualidades - dessa informação - que a espécie consegue alterar sua realidade.

+
+ *Semiotic and information*

+
+ *Attempts to demonstrate that it is necessary to consider the notion of information semiotically. It is argued that every piece of information to which we have access is necessarily mediated through signs in three modes, which we call firstness, secondness, and thirdness; that is, the three categories of experience, according to C. S. Peirce. One conclusion is that, from a semiotic instance, information is constituted only upon its insertion in the process of semiosis by a subject.*

92

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEELY, John. **Semiótica básica**. Trad. Julio Pinto. São Paulo: Ática, 1990.
2. MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Sintra: Europa-América, 1983.
3. PEIRCE, Charles S. *Collected papers*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1935-1958. 8v.
4. PINTO, Julio. **The reading of time: a semantic-semiotic approach**. Berlim, New York: Mouton De Gruyter, 1989.
5. _____. 1, 2, 3 da Semiótica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.